

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: A FORMAÇÃO DA AUTONOMIA E SEUS DIFERENTES SIGNIFICADOS.

Anoel Fernandes ¹
Glaurea Nádia Borges de Oliveira ²

¹ Mestrando em Educação, Puc/SP - LETPEF/UNESP/RC – Rede Estadual de Ensino (SP)

² UNITAU (Universidade de Taubaté) – Rede Estadual de Ensino (SP)

Resumo

A intenção deste estudo é fazer um breve levantamento sobre os diferentes significados atribuídos à autonomia e a sua formação nas práticas escolares da Educação Física, tendo como base algumas das concepções pedagógicas recentes nesta área. Concepções estas que, ao se apoiarem em diferentes pressupostos teóricos, apontam conceituações e direcionamentos diversos quando se trata de delimitar o desenvolvimento da autonomia como um dos objetivos da prática pedagógica da Educação Física. A definição do que é ser autônomo pode não ser a mesma, dependendo da perspectiva ou da concepção pedagógica que se adota, e o entendimento destes significados traz à tona a necessidade de se refletir sobre suas implicações no contexto educacional.

Palavras-chave: Educação Física Escolar; autonomia; concepções pedagógicas.

Introdução

A trajetória histórica da Educação Física Escolar tem se caracterizado pela tentativa de superação do paradigma construído com base na aptidão física. Há algum tempo, estudiosos da área têm se desdobrado nessa difícil tarefa. Embora as diversas correntes pedagógicas apontem direcionamentos diferenciados, todas elas surgem, segundo Darido (2003), na tentativa de romper com os modelos tradicionais baseados no rendimento, na exclusão, nos testes motores. Busca-se, com isso, construir uma prática pedagógica mais humanista, com vistas à conquista da cidadania.

Na tentativa de justificar a importância da Educação Física na escola, as abordagens ou tendências pedagógicas, ainda que apoiadas em diferentes áreas do conhecimento (como a antropologia, a psicologia, a sociologia e a biologia), apresentam significativas contribuições para a contextualização deste componente curricular.

Outra preocupação comum entre as diversas propostas é a referida busca pela autonomia dos alunos nas aulas de Educação Física, autonomia esta que não deve se restringir às situações escolares, mas objetivar a formação do indivíduo que irá usufruir dos

conhecimentos adquiridos nas aulas de Educação Física, refletir sobre suas práticas corporais e exercê-las de maneira social e culturalmente significativas por toda vida.

Utilizando como procedimento metodológico a revisão ou pesquisa bibliográfica, o objetivo principal deste trabalho é analisar os significados atribuídos à formação da autonomia presentes em algumas das diferentes abordagens pedagógicas da Educação Física Escolar, considerando o fato de que os significados são construídos em diferentes perspectivas na medida em que os pressupostos teóricos, que influenciam e embasam as concepções, também se diferenciam. Desta forma, delimitaremos nossa análise às abordagens que representam algumas correntes específicas de pensamento: a perspectiva psicológica, com ênfase na dimensão motora (Desenvolvimentista), a perspectiva biológica (Saúde Renovada) e a perspectiva crítica (Superadora e Emancipatória). A partir deste levantamento, apontaremos algumas discussões e reflexões necessárias e decorrentes das implicações trazidas por estes significados às dimensões de ensinar e aprender Educação Física na escola.

Abordagem Desenvolvimentista e Saúde Renovada

Tani et al. (1988), ao mencionar o posicionamento da abordagem Desenvolvimentista na Educação Física, afirma que:

se a Educação Física pretende atender às reais necessidades e expectativas da criança, ela necessita, antes de mais nada, compreender as suas características em termos de crescimento, desenvolvimento e aprendizagem, visto que a não observância destas características conduz frequentemente ao estabelecimento de objetivos, métodos e conteúdos de ensino inapropriados (TANI, 1988, p. 135).

Manoel (1992) sugere ainda que, para evitar os problemas de ordem motora, o patrimônio cultural da humanidade, manifestado pelo esporte, pela dança e por outras habilidades, deve ser adaptado ao nível de desenvolvimento do aluno, sendo que o conhecimento da seqüência de desenvolvimento motor fornece subsídios essenciais para uma educação que vise à formação de um ser com autonomia e capacidade integrativa na sociedade.

Tani (2005) ressalta que uma importante função da Educação Física Escolar é a transmissão aos alunos de conhecimentos relacionados à prática de atividade física quanto à sua função biológica, enfatizando que a possibilidade de se praticar atividade física autonomamente facilita a adoção de um estilo de vida saudável.

Seguindo um direcionamento paralelo, a abordagem da Saúde Renovada, proposta por Guedes & Guedes, (1997) e Nahas (1992,) enfatiza a importância de uma Educação Física Escolar voltada para a saúde, destacando a relação entre os conhecimentos práticos e teóricos acerca da atividade física, aptidão física e saúde, para que o aluno seja capaz de compreender os benefícios advindos da prática motora e utilizá-los por toda a vida. Os defensores desta abordagem afirmam que, ao final da escolarização básica, os alunos deverão ser capazes de auto-avaliar todos os componentes da aptidão física relacionada à saúde, interpretar os resultados e saber como utilizá-los no planejamento de um programa pessoal, possuindo, desta forma, autonomia para a preparação e avaliação de seus próprios treinos.

Abordagem Crítico-superadora e Abordagem Crítico-emancipatória

Para a abordagem denominada crítico-superadora, os temas da cultura corporal (o jogo, o esporte, a capoeira, a ginástica e a dança) devem compor um programa de Educação Física que estabeleça relações com os grandes problemas sócio-políticos atuais (SOARES et. al., 1992, p. 102). Resende e Soares (1997) apresentam a mesma opinião com relação a estes componentes e ressaltam que cabe à escola promover a socialização dos indivíduos com o patrimônio científico e cultural produzido historicamente pela humanidade, de modo que os homens possam adquirir a autonomia necessária a sua interação no processo de construção e direção da sociedade.

Com base em uma perspectiva sócio-política, o desenvolvimento da autonomia é priorizado quando se enfatiza que a escola, norteadas pelos pressupostos de uma educação crítico-superadora, deve:

selecionar os conteúdos clássicos necessários à formação do cidadão autônomo, crítico e participativo, para que este possa participar, intervir e comprometer-se com os rumos da sociedade possível, diante do momento histórico (RESENDE e SOARES, 1997, p. 29).

Os objetivos gerais da Educação Física na educação básica são apresentados, de acordo com esta abordagem, visando possibilitar aos alunos a vivência sistematizada dos conhecimentos da cultura corporal, balizados por uma postura crítica, no sentido da aquisição da autonomia.

Também com base em uma perspectiva crítica da educação, a abordagem crítico-emancipatória, defendida por Kunz (1994), enfatiza que o ensino, nesta concepção, deve:

ser um ensino de libertação de falsas ilusões, de falsos interesses e desejos que são construídos nos alunos a partir de conhecimentos colocados à disposição pelo contexto sociocultural onde vivem, visão esta originária de um mundo regido pelo consumo, pelo melhor, mais bonito e correto. Assim, o ensino deve confrontar-se pela libertação destas falsas visões de mundo, libertar-se da coerção imposta por parte do professor e do conteúdo que se ensina. Essa libertação no sistema escolar deve ser pelo esclarecimento e pelo desenvolvimento de competências como a auto-reflexão, que possibilita uma libertação livre da coerção (KUNZ, 1994, p. 115-116).

A proposta de Kunz parte de uma concepção dialógica do movimento. O movimentar-se humano é entendido como uma forma de comunicação com o mundo. Outro princípio importante em sua pedagogia é a noção de sujeito capaz de crítica e de atuação autônomas, apontando para a tematização dos elementos da cultura corporal de forma a desenvolver nos alunos a capacidade de analisar e agir criticamente nessa esfera.

Ao discutir os conteúdos da Educação Física Escolar, o autor afirma que “não se elimina o interesse do movimento que é específico do esporte, da aprendizagem motora, da dança, ou das atividades lúdicas enquanto conteúdo específico da área, porém coloca-se o estabelecimento dos objetivos para desenvolver a competência da autonomia” (...) (KUNZ, 1994, p. 101).

Entendemos que a proposta de Kunz está extremamente ligada à formação do cidadão autônomo e que, dentro desta perspectiva, a autonomia deve ser enfatizada durante as aulas de Educação Física por meio de situações de ensino que não se caracterizem pela mera reprodução do esporte de rendimento, e sim por vivências que visem a problematização.

Considerações Finais

Entendemos que a formação da autonomia, determinada como um dos objetivos da Educação Física Escolar, deve ser compreendida em seu sentido amplo, pois o indivíduo autônomo, na perspectiva deste componente curricular e com base nas afirmações de Betti (1992), é aquele que será capaz de usufruir, partilhar, produzir, reproduzir e transformar os conteúdos ou formas culturais da dimensão corporal. Neste sentido, cabe questionar se a Educação Física conseguirá, de fato, alcançar plenamente este objetivo, norteador-se exclusivamente por propostas que não se dispõem a oferecer um tratamento pedagógico sistematizado aos aspectos sociais, políticos e culturais que se fazem presentes e certamente influenciam as práticas escolares. É possível educar para a autonomia sem oferecer os subsídios necessários para que os alunos construam uma visão crítica e reflexiva do contexto em que estão inseridos?

Não devemos negar que o entendimento do desenvolvimento motor é importante para a nossa atuação profissional, nem que o indivíduo deva saber sobre os benefícios da atividade física e suas relações com a qualidade de vida. No entanto, talvez só estes conhecimentos não sejam suficientes para a formação de um indivíduo autônomo, ou pelo menos não no sentido pleno e complexo em que a autonomia deve ser construída.

Referências Bibliográficas:

BETTI, M. Ensino de primeiro e segundo graus: Educação Física para que? In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Maringá, v. 13, n.2, p. 282-287, jan. 1992.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992. (Coleção magistério 2º grau. Série Formação do Professor).

DARIDO, S. C. **Educação Física na escola: questões e reflexões**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Editora Unijuí, 1994.

MANOEL, E. J. Desenvolvimento motor: implicações para a Educação Física escolar. In: **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 82-97, jan./jun. 1992.

NAHAS, M. V. Aptidão física e saúde no programas de Educação Física: desenvolvimentos recentes e tendências internacionais. In: **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 6, n. 2, p. 47-58, 1992.

RESENDE, H. G.; SOARES, A. J. G. Elementos constitutivos de uma proposta curricular para o ensino-aprendizagem da Educação Física na escola: um estudo de caso. In: **Perspectivas em Educação Física Escolar**, Niterói, n. 1, p. 29-40, 1997.

TANI, G. et al. **Educação Física Escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista..** São Paulo: EPU/EDUSP, 1988.

_____. **Educação Física, vida e movimento**. São Paulo: CENP/SEE, 2005.